

O ANNEL  
DE POLYCRATES

1-18-69

# O ANEL DE POLYCRATES

POEMA DRAMATICO

POR

EUGENIO DE CASTRO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS



COIMBRA

FRANÇA AMADO, EDITOR

1907

## DRAMATIS PERSONÆ

AGAMEDES D'ATHENAS, joven escultor.

ANACREONTE DE TÉOS.

ARCHIAS, velho creado de Agamedes.

MELISSA, joven atheniense.

CORO DAS SOMBRAS.

A scena é nos arredores de Samos,  
capital da ilha do mesmo nome.

Olympiada 60ª, 3 ( A. C. 529 ).

PRIMEIRO ACTO

## PRIMEIRO ACTO

*Pequena casa de campo no alto d'uma collina, entre vinhedos. A' frente do singelo edificio, um portico de marmore, de ordem jonica. A' direita, atravez d'um bosquesinho de alfarrobeiras e cyprestes, branqueja, a distancia, a cidade de Samos. Ouve-se perto o mar.*

### SCENA UNICA

*Agamedes, Anacreonte e Archias.* Este ultimo atravessa a scena repetidas vezes, levando para casa grandes braçadas de lenha.

ANACREONTE, entrando pela direita e estacando defronte de Agamedes que passeia gravemente no peristylo :

Haja paz e alegria em casa de Agamedes !

### AGAMEDES

Quem quer que sejas, tu, que aos altos Numes pedes  
Taes graças para mim, sê bemvindo mil vezes !  
Se és um pastor, que Pan bafeje as tuas rezas ;

Se em rustico socego um campinho cultivas,  
Que as Nymphas maternas o reguem d'aguas vivas ;  
E se uma vinha tens, que o deus Baccho annualmente  
Na adega obscura e fresca as amphoras te augmente !

## ANACREONTE

Não sou pastor, nem lavrador, nem vinhateiro :  
A carne tenra e a lã do placido carneiro,  
Frutas, legumes, pão e os vinhos delicados,  
Por distantes avós ha muito envasilhados,  
Tudo isso, fóra o mais, em abundancia o tenho,  
Sem que, para o haver, condusa algum rebanho,  
Nem regue com suor, vinha, horta ou pomar.  
Minha vida é cantar, dormir, beber e amar !  
Polycrates, senhor do mar Egeu, um dia  
Certa ode escutou, que á loura e fugidía  
Eurypila eu fizera ; e o deleite que teve  
Ouvindo os versos meus foi tamanho, que em breve,  
Instando, me obrigou a vir morar comsigo.  
Apenas cá cheguei, Polycrates, amigo  
E franco protector de sabios e de artistas,  
Bisarro me acolheu com honras nunca vistas,  
Forçando-me a jurar que só p'la mão da morte  
E' que eu consentiria em lhe deixar a côrte.

ANACREONTE

Meus olhos fiquem cegos,  
Se não sou quem te disse...

Esse pasmo e clamores  
Denunciam-me que és dos meus admiradores,  
Levando-me a julgar, se não estou illudido,  
Que acolherás benigno um pequeno pedido :  
Um pedido, ouve bem ! Não obriga quem pede...

AGAMEDES

Que desejas ?

ANACREONTE

Beber ! Venho com tanta sêde,  
Que bebêra o Peneo d'um trago !

AGAMEDES

Que promessa !  
Gritando :

Archias ! Archias !

A VOZ DE ARCHIAS

Senhor !

AGAMEDES

Vem cá !

## A VOZ DE ARCHIAS

Ahi vou !

AGAMEDES

Depressa !

ARCHIAS, saindo de casa :

Aqui me tens, senhor.

AGAMEDES

Vinho e taças ! Escuta :

P'ra vir mais fresco, vae buscar o vinho á gruta,  
E traze do melhor...

Archias volta para casa.

ANACREONTE, olhando embevecida-  
mente a paisagem :

Que vista encantadora !

Como deve sair d'aqui chorosa a Aurora,  
Que sorrisos terá quando voltar ! O velho  
E sempre novo mar 'stá hoje que é um espelho...  
Ali, no golfo azul, em festivas derrotas,  
As vélas dos bateis são irmãs das gaivotas,  
Que, sobre um cyprestal de aspeito merencorio,  
Avoejam no sopé do ruivo promontorio...

D'aquella alfarrobeira entre os víridos ramos  
Sorri, marmoraria e bella, a cidade de Samos,  
Revendo-se no mar com nobreza e vaidade...  
Só por si, esta vista, amigo, é a f'licidade !

Curto silencio.

AGAMEDES, vendo Archias que reap-  
parece trazendo duas infusas de  
vinho e duas taças de prata :

Ahi vem Archias emfim !

Enche uma das taças e offerece-a  
a Anacreonte :

Este é do velho... Toma !

ANACREONTE, cheirando o vinho :

O arôma é delicioso...

Prova :

E o gôsto é como o aroma !

E então que fresco vem, como tem vida e graça !

Bebe demoradamente até à ultima  
gôta :

Mas que vejo ? No fundo a generosa taça  
Tem gravada uma rã...

AGAMEDES

Foi Porphyro de Delos

Quem a gravou.

ANACREONTE

E em volta ha versos... Vamos lêl-os.

Lê no fundo da taça :

*Sou uma rã singular :*  
*Se me cobrirem de vinho,*  
*Ninguem, nem mesmo baixinho,*  
*Me ha-de ouvir tagarelar ;*  
*Mas se, por voltas do asar,*  
*Alguem d'agua me cobrir,*  
*Diga adeus ao seu dormir,*  
*Que p'ra longe o farei ir*  
*Com meu rispido coaxar.*

Satisfaça-se a rã... Vá mais uma pinguita !

Agamedes enche a taça de Anacreonte, que a esvasia d'um trago.

AGAMEDES

Mas a que devo eu, amigo, esta visita ?

## ANACREONTE

No jardim de Antenor, d'um lago verde á beira,  
Ha tempos conheci Meltina, a tecedeira,  
Moça d'olhos azues... Uma paixão de fogo  
Na minh'alma extasiada incendiou-se logo,  
Doida e violenta como os vendavaes da Thracia!  
Lentos dias sem fim, com ferrea pertinacia,  
Segui, humilde cão, a sombra de Meltina,  
Beijando a fina areia onde passava, fina,  
Com passo musical, n'um resplendor d'encantos...  
Ajoelhado a seus pés, verti copiosos prantos,  
Longas noites velei junto da sua porta,  
Sem que ella, sempre altiva e glacialmente absorta,  
Apiedada afinal, me dêsse d'improviso  
O mimo d'um olhar e a graça d'um sorriso!  
Quando descorçoei de possuil-a um dia,  
Busquei na solidão, que os tristes allivía,  
Refugio para a dor... O sitio predilecto  
Onde eu ia esconder meu fundo mal secreto,  
Era o olival que fica além, n'aquelle outeiro,  
Entre o aqueducto e o chão de Thyrsis, o padeiro...  
Foi ahí que, uma vez, Eurypila, a que adoro,  
A que tem pés de prata e grossas tranças d'ouro,  
Me appareceu sorrindo, e me curou de prompto!

Foi no outomno...

Porém, já vae cumprido o conto,  
E tu estás sem saber que fim cá me guiou.  
Terei defeitos mil, mas ingrato não sou !  
Ora, por gratidão, ao sereno olival  
Onde triste escondí meu recondito mal,  
E onde encontrei depois minha actual ventura,  
Quer chova, quer sibile a ventania dura,  
Dia a dia, sem falta, uma visita faço.  
Cumprindo tal dever, todas as tardes passo  
A' entrada d'esta vinha, onde, ha um pequeno instante,  
Um Termo novo achei, de marmore brilhante.  
Parei, a contemplar o deus rural, pasmado  
Da sua perfeição, e louvando o inspirado,  
Incognito cinzel, que ao deus n'um rosto déra  
Duplicada expressão, sorridente e severa,  
Severa para os maus, para os bons sorridente,  
E que, a ralar ou rir, diz alternadamente,  
Aos ladrões : *para longe!* e aos que o não são : *entrae!*  
Então passou por mim o velho Moeris, pae  
De Anticlea, a gentil e esbelta bordadora,  
Que acolá, n'uma casa entre cyprestes móra.  
— « Moeris, lhe perguntei, sabes dizer-me quem  
« Atraz da sebe poz aquelle Termo, além ? »

E' o velho respondeu : — « Sei que a vinha pertence,  
 « Herdada de seu pae, a um moço atheniense,  
 « Que desde a ultima ceifa habita este deserto  
 « E que é grande esculptor. . . Elle mesmo, por certo,  
 « E' que o Termo esculpiu e ali o mandou pôr. . . »  
 Nada mais quiz ouvir.

Um mancebo e um esculptor !

Eu que sempre adorei a mocidade e a arte,  
 De Moeris me aparteí, e eis-me aqui a saudar-te !

AGAMEDES

Das mais viçosas flor's que vicejam n'este ermo  
 Basta c'rôa farei para coroar o Termo,  
 Recompensando-o assim (como o applaudo e bemdigo !)  
 Por me haver conquistado um tão precioso amigo !

ANACREONTE

Precioso !... Essa expressão convem mais ao teu vinho...

AGAMEDES

Áchal-o bom? Quer's mais?

ANACREONTE

Pois sim, mas poucochinho...

Bebe.

E ainda ha quem chame ruins aos vinhedos de Samos !  
Venha uma copa mais, amigo !

Esvasia nova taça.

E agora vamos  
A ouvir a tua historia ! Int'ressa-me o sabêl-a.

#### AGAMEDES

Devéras, quer's ouvil-a ? E' uma historia singella.  
Nasci rico, nasci entre a opulencia e o goso . . .  
Ao som d'harpas, dormi n'um berço flexuoso,  
De perolas e d'oiro, um berço que era um astro !  
Medrei saltando em aposentos d'alabastro ;  
Saphiras e rubins gemmavam meus brinquedos,  
Que eu destruia a rir com furiosos dedos ;  
Acepipes p'ra a mesa, e perfumes estranhos,  
Lançados com mão doida em langorosos banhos  
Nas horas sensuaes d'esses dias felizes,  
Mandava-os vir meu pae, de longinquos paizes  
Em triremes que só lidavam para nós . . .

#### ANACREONTE

Na adega, faço ideia, eram vinhos de Khós  
De Mesogis, d'Epheso . . . eu sei ! Quem lá me dera !

